

# **IDENTIDADE E COMPLEXIDADE: uma sociologia para os elementos emergentes da sociedade atual.**

**Sérgio Luiz Pereira Silva\***

## **RESUMO**

Este texto apresenta uma reflexão sobre as formações sociais identitárias no contexto dos sistemas complexos na sociedade contemporânea, procurando enfatizar o caráter de mudança que se faz presente nos argumentos teóricos atuais no campo da sociologia. Para isso, buscamos constituir um mosaico teórico no sentido de aproximar referências teórico-analíticas que procuram explicar os fenômenos sociais que se situam conceitualmente na dimensão entre a “modernidade” e a “pós-modernidade” como é o caso da identidade e dos sistemas sociais complexos.

**Palavras-chave:** identidade, pós-modernidade, sociedade complexa, reconhecimento social, globalização, diferença.

## 1. Introdução

Poderíamos demarcar, simbolicamente, o fim social da modernidade? se é possível fazê-lo diríamos que este aconteceu entre fins da década de sessenta e início da década de oitenta, como nos afirma Castells (1999) que justifica esse marco de referência com base em três fatores relevantes de nossa história recente: 1) A revolução das tecnologias de informação; 2) A crise do capitalismo e 3) A crise dos regimes socialistas, dentre outros fatores como a emergência de mobilizações identitárias de movimentos libertários por todo o mundo.

A bem da verdade, esses fenômenos não só podem nos indicar, referencialmente, o que se pode chamar no campo da sociologia de o fim da modernidade, mas o início de dois processos ainda mais importantes que são a formação do processo de “globalização” (que é a conjugação entre as revoluções tecnológicas e a reestruturação do sistema capitalista) e as formações das sociedades complexas. Esses dois aspectos situam uma discussão sociológica fundamental em nossos dias, feita por vários autores como Giddens (1991; 1996a; 1996b), Beck (1996; 1997), Melucci (1996), dentre outros, que afirmam que saímos da modernidade mas não entramos no que se convencionou chamar de pós-modernidade, e entre autores que advogam o discurso da pós-modernidade como Kaplan (1993), Heller (1998), Kumar (1997).

Embora haja, tanto no nível teórico quanto no conceitual, diferenças fundamentais entre esses autores contemporâneos no que toca às suas análises sociais, também é fato que entre eles há uma aceitação factual sobre duas questões reais em nossos dias: a primeira refere-se a constatação da complexificação da sociedade; e a outra ao fato da fragmentação identitária do mundo contemporâneo. Nesse sentido, buscaremos um nível de reflexão sobre esses dois fenômenos no contexto da análise sociológica.

---

\* O autor é Doutor em Ciências Humanas pela UFSC, professor Associado do Laboratório de Estudo da Sociedade Civil e do Estado LESCE e do Programa de Pós-graduação e Sociologia Política da UENF.

A justificativa de relacionarmos o tema da identidade ao tema da sociedade complexa se dá pela necessidade de constituirmos elementos conceituais para uma base teórica em torno da noção de identidade no contexto contemporâneo, ou seja, buscar uma explicação sobre a formação sócio-identitária no contexto da complexidade contemporânea.

E para tanto, procuraremos configurar nossa análise em nível de conceitos, refletindo sobre elementos pertinentes que se constituam como categorias de análise como: “reconhecimento social”, “resistência”, “alteridade”, “campo simbólico”, “interesses” e “ação social”. Elementos que giram em torno da noção de identidade e podem nos ajudar a constituir uma reflexão conceitual.

Mas antes de mais nada é preciso situarmos conceitualmente a noção de complexidade social.

## **2. Sociedade complexa: um conceito em expansão.**

Parece-nos ser necessário identificar a principal característica que gira em torno da noção de sociedade complexa. Esta por sua vez é definida pela variável “descentralização”, ou seja, a reconfiguração do sistema social fora de um centro estrutural. Segundo Melucci (1996) o sistema social contemporâneo se constitui no âmbito de uma rede de relações estruturada autonomamente. Uma autonomia, segundo ele, relativizada que impede a mudança do sistema num nível macro estrutural mas que possibilita mudanças no contexto das relações complexas. Dentro desse aspecto, as mudanças dentro dos sistemas complexos são de caráter específico e não podem ser transferidas de um nível para o outro, mas ao mesmo tempo, ainda conforme o autor, as mudanças têm efeito de modo mediado no processo de estruturação do sistema das redes sociais.

Isso se refere, de forma específica, ao aspecto do reconhecimento dos interesses diferenciados dentro do contexto das redes de relações e conseqüentemente ao aspecto das ações sociais no mesmo processo. O contexto de

diferenciação, baseado na luta pelo reconhecimento da diferença, constitui, nesse sentido, um processo não de exacerbação do individualismo mas de integração diferencial dos interesses. Talvez nesse sentido se estabeleça uma das diferenças entre abordagens sociológicas de caráter político-sistêmico (sem se referir às abordagens dos sistemas autopoieticos) como explicação dos fenômenos contemporâneos em relação às abordagens pós-modernas que partem do princípio da fragmentação atomizada como consequência das rupturas das estruturas sociais.

Segundo Habermas (1997) o processo de descentralização da sociedade, tanto no nível político como no nível jurídico, permite a formulação da base de estruturação do aspecto procedimental e deliberativo das ações sociais e políticas a partir do reconhecimento dos interesses diferenciados que, segundo ele, justificam uma instância de negociação discursivo-comunicativa no campo normativo da sociedade contemporânea.

Nesse sentido, Habermas recupera sua noção teórico-conceitual de ação comunicativa e tenta relacioná-la a uma discussão contemporânea situada entre a facticidade e validade das ações mediadas por interesses e reestruturação do sistema normativo da sociedade, e o faz tanto no nível político quanto no nível jurídico relacionando um ao outro. O que nos leva a entender a dinâmica da política como fenômeno eminentemente relevante no contexto da complexidade social contemporânea. É com base nesse aspecto que é possível falarmos de uma “sociedade civil política” e ao mesmo tempo de uma “esfera pública política”.

Habermas não discute conceitualmente a noção de “identidade”, mas parte do pressuposto de que nas sociedades contemporâneas há a emergência do fenômeno da diferenciação complexa no contexto das relações sociais. Diferenciação essa que se justifica pelo processo de reconhecimento político no campo das ações sociais e que precisa ser compatibilizada no contexto argumentativo de negociação procedimental e deliberativo.

Esse discurso comunicativo se justifica na identificação do reconhecimento da diferença entre os atores e na superação de uma racionalidade instrumental individualista. Nesse sentido, argumentamos que compatibilizar diferenças pressupõe reconhecer e relacionar diferentes identificações que se formam num mesmo contexto. Em outras palavras, significa reconhecer as identidades dos interesses diferenciados e tentar estabelecer um patamar de igualdade do discurso para essas diferenças.

Esse é o contexto configurativo da sociedade complexa. Um contexto de identidades numa base de relações interligadas. Uma rede de relações identitárias sob a qual as grandes narrativas sociológicas perderam seu poder de explicação e sob a qual o aspecto das mudanças e das ações sociais se constituem num ambiente de conflito plural.

A questão relevante dentro dessa discussão refere-se a resignificação de sentido que se apresenta no âmago do contexto da sociedade complexa, que é uma referência às tradições na constituição dos discursos identitários fora de uma característica doutrinária. Um exemplo claro dessa questão pode ser mostrado com o papel do movimento de mulheres ou o movimento dos trabalhadores, apresentados por Melucci (1996) nos quais suas tradições serviram para redefinir seus papéis identitários no contexto contemporâneo. A resignificação dos sentidos de suas ações hoje representa a característica de formações identitárias no processo inter-relacional das redes sociais que citamos linhas acima.

Essas mobilizações identitárias, no contexto da impossibilidade das grandes mudanças sociais, se vêm forçadas a aceitar, e em certa medida legitimar, a pluralidade dos níveis de estruturação social que reconfiguram a sociedade e estabelecem os sistemas complexos. Com isso tais mobilizações identitárias tendem a legitimar também os instrumentos de mudança social com suas irreduzíveis diferenças.

Mas por outro lado, Melucci nos mostra também que esse contexto complexo da sociedade abre um grande campo de ação político diferenciado e

conflitual, o que tende a complexificar ainda mais o sistema no que toca a relação entre a mobilização identitária e os processos de mudança. Pois no contexto da mudança e dos interesses se faz necessário relacionar duas questões principais: 1) Os instrumentos políticos de controle coletivo e 2) A garantia real da democracia política. Segundo Melucci, embora pareça isso não é incompatível, mas cria um hiato, que ele afirma ser irreparável, entre a formação de necessidades e demandas sociais de um lado e a forma de expressão organizacional e de representação de outro, o que faz com que aumente as relações de força e conflito nas sociedades complexas (Melucci, 1996)

Com base nesse contexto, aparentemente paradoxal, o autor argumenta que a relação entre a complexidade e a mudança cria um vínculo de necessidade por decisões e isso envolve interesses identitários diferenciados e plurais. Sob esse aspecto o processo das ações e relações políticas são cruciais para os atores dessa sociedade. Esse é um dos motivos de se ter hoje uma grande proliferação de atores e agentes políticos nas mais variadas áreas da sociedade e isso de certa forma também demonstra o contexto de autonomia da política no contexto contemporâneo.

Dentro desse aspecto, as mobilizações identitárias se enquadram no interior das múltiplas instâncias do sistema social e como atores sócio-políticos tais identidades se caracterizam com representantes de interesses, tanto no nível simbólico como no nível material.

Como é possível perceber, estamos falando todo o tempo de identidade e mobilização identitária como alguns dos elementos fundantes do problema sociológico contemporâneo. E com isso acreditamos ser necessário saber em que se constitui essa noção de identidade no aspecto teórico-conceitual dentro dos sistemas complexos atuais? Pois se sabemos que a sociedade complexa é o ambiente de gestação das identidades e que as identidades se constituem no processo contemporâneo de fragmentação e reestruturação do sistema social, poderemos partir dessas bases para analisarmos noções teórico-conceituais sobre o

fenômeno “identidade” em um nível explicativo. Nesse sentido, importa agora discutir os elementos que estão compostos entorno desse problema.

### **3. Elementos conceituais da identidade no contexto da complexidade social**

A sociologia contemporânea faz uso da noção de identidade com uma habilidade prática nunca antes vista, uma vez que o conceito de identidade, de forma mais objetiva, na grande maioria das vezes sempre foi “abstratamente” próprio de áreas afins como a Antropologia, no qual se explicava as identidades culturais, na Psicologia e Psicanálise, áreas que explicavam a identidade no contexto do *self* e da alteridade, na Ciência Política, área de enfoque institucional em que se explica as identidades políticas e em outras áreas no campo das ciências humanas como na geografia e sua noção de identidade territorial.

A sociologia, sob o aspecto de sua formação científica clássica, igualmente a essas áreas não se furtou ao usufruto da identidade, embora de forma menos objetiva, vemos por exemplo noções de identidades sociais no campo da chamada micro sociologia, do interacionismo simbólico, da etnometodologia, ou mesmo na fenomenologia, ou seja, num ambiente de investigação das micro relações sociais. Encontramos também elementos de identidade nas discussões das classes sociais, nos movimentos sociais e nas noções de papéis sociais.

A questão importante a destacar é que a noção sociológica da identidade se referia a um aspecto de base secundária que se estava escondido no subsolo dos conceitos sociológicos e, sendo assim, não era um fenômeno emergente que viesse a poder se constituir no que chamaria de um tema/problema no campo da sociologia. Talvez o exemplo mais claro disso que estamos dizendo refira-se ao papel da identidade na explicação teórica da ação coletiva, tratado por vários autores da sociologia desde o início deste século até fins da década de setenta. No

caso mais claro, podemos citar indícios de identidade nas ações coletivas referidas aos movimentos e mobilizações sociais, na noção de ator ou mesmo na revitalização da idéia do sujeito, fundamentalmente entre fins da década de sessenta até início dos anos oitenta. Dentro desse contexto, argumentamos que a identidade se apresentava no substrato do conceito do fenômeno da ação e mobilização social.

Com as mudanças estruturais ocorridas na sociedade contemporânea, datadas na década de oitenta do século XX, como: a revolução tecnológica na área da informação, a crise do sistema capitalista, a crise dos regimes de governos socialistas, a emergência de mobilizações de movimentos libertários por todo o mundo e, por fim, o processo de transformação paradigmática do conhecimento científico, o que era teorizado e sociologicamente explicado em nível geral perde força e as identificações presentes nas grandes narrativas sociológicas se constituem num fenômeno de fragmentação de narrativas plurais. A identidade do grande discurso cede lugar ao discurso das identidades fragmentárias. A identidade deixa de ser algo subliminar, menos importante, e passa a se constituir num fenômeno cada vez mais emergente, presente e processual, se configurando como um tema autônomo no campo das ciências sociais, mais especificamente da sociologia atual.

A noção conceitual de identidade sempre fez parte de um aspecto de abordagem subjetivo e essa dimensão conceitual é ainda hoje importante para se discutir a identidade com bases sociológicas. E talvez por isso posamos lançar mão de nossas velhas bases sociológicas para iniciar uma discussão conceitual sobre a identidade e daí associarmos conceitos como: “reconhecimento social”, “resistência”, “alteridade”, “campo simbólico”, “interesses”, “pertencimento” e “ação social”. Variáveis que circundam a noção de identidade e podem nos ajudar a constituir uma reflexão conceitual contemporânea sobre o tema.

Segundo Berger e Luckmann (1990), a idéia de identidade é vista como elemento da realidade subjetiva, situada numa relação dialética com a realidade

social. Nesse sentido, o processo de síntese dessa dialética é que *“a identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais”* (1990: p.228). Com isso podemos argumentar que a noção de identidade refere-se ao processo interativo “ação social - estrutura social” ou em outras palavras que a identidade remete-se a formações sociais, entendendo o termo como um processo mediador entre a individuação e o sistema social.

Nesse caso, podemos discutir as questões referentes a noção de “identidade social” a qual definimos como: forma de resistência e reconhecimento social provedora de formações sociais de conflitos delimitados pelo estabelecimento de interesses dentro ou fora de instâncias institucionais. Maura Pena (1989) conceitua a identidade como um modelo de representação que expressa reconhecimento social, o que implica em relações de poder. Por outro lado, Alain Touraine (1989a; 1989b; 1995) também define um conceito de identidade pautado em formas de reconhecimento social dentro de um campo social de conflito, relacionado a constituição do “sujeito-ator” no processo de mudança social.

Nesse sentido, os elementos “representação” e “reconhecimento”, remetidos ao problema exposto, forjam a noção do conceito de identidade. Esses elementos conceituais se tornam mais efetivos quando remetidos ao mundo da vida cotidiana, onde experimentam tipificações identitárias emergentes com base em marcos de referência da vida na prática, ou seja, ambiente no qual relações simbólicas e materiais se efetivam concretamente.

Diante desse aspecto podemos argumentar que os processos dos comportamentos sociais e suas orientações na vida cotidiana dependem de tipificações elaboradas nos processos de interações sociais. Isto significa que as identidades apresentam-se dentro ou fora do mundo da vida e estão atreladas a interesses tipificados mediante o contexto das relações sociais.

De forma minimizada, poderíamos situar uma exemplificação operacional disso que afirmamos utilizando a noção de identidade no contexto das redes numa era de globalização. O processo de formação de identidades, nesse contexto, se

estabelece a partir do processo de resignificação de sentidos mediados por um jogo de interesses tanto num nível simbólico quanto material, no qual o processo de representação de tais sentidos, no contexto de formações de grupos, comunidades, movimentos, etc., efetivam os limites de relação do nós com o(s) outro(s) ou o eu e o outro mediante um processo interativo de ações e significações de interesses seja num nível social, cultural, religioso ou de outra natureza dentro dos *nouuds* da rede da globalização ou glocalização. Sob esse aspecto, o contexto de formação da rede de interação e relação, seja no contexto local ou global, permite que se estabeleçam representações discursivas de mobilização dos interesses, reconhecendo as diferenças como pressuposto de formação dos limites identitários. Mas, é válido ressaltar que o discurso da diferença por em si não representa a identidade, poderíamos até dizer que a diferença é pré-condição para a identidade mas, as identidades se estabelecem enquanto tal quando mediadas pela política de afirmação identitária presente na afirmação da diferença.

Nesse sentido o discurso da diferença subestrutura o discurso da identidade e o rompimento das fronteiras (em todos os aspectos) dinamiza o processo das relações das identidades nas redes. Com isso podemos entender o processo de formação dos limites identitários circunstancialmente definidos a partir de suas mobilizações no contexto de sua formação discursiva.

No nível interno da unificação discursiva da identidade há o que chamaríamos de as necessidades de uma economia de conflitos ou a minimização de disparidades dentro da própria identidade, justamente para garantir a unificação identitária. Isso garantiria, pelo menos em tese, o fortalecimento do núcleo identitário no nível interno em relação a outros reconhecimentos identitários no contexto da constituição de um campo de conflito mediado por relações de interesses inter-identitários. Queremos dizer, em termos sociológicos, que quanto maior a unificação discursiva da identidade maior o seu poder de resistência no processo das relações sociais.

Essa noção de identidade que buscamos analisar se estrutura no contexto do sentimento de pertencimento. Um pertencer voluntário legitimado por significações estruturantes de interesses e reconhecimentos que influenciam as ações mobilizatórias das identidades mediado pelo processo de relação de poder. Com isso essa identidade discutida aqui tem uma imagem de reconhecimento e de conflito.

É válido ressaltar que essas questões que elencamos aqui têm um caráter ainda muito inicial e carece de um maior aprofundamento. Sendo assim, procuramos discuti-las em um nível abstrato de conceitualização sobre o fenômeno da identidade, como nos propomos desde o início, e nesse caso não nos cabe demonstrar, pelo menos a princípio, a aplicabilidade de nossas noções conceituais.

Mas é válido ressaltar que tais noções, embora de forma embrionária, cabem dentro de uma reflexão contemporânea no campo de uma Sociologia das Identidades como de certa maneira é apresentada por Castells em "O Poder da Identidade", no qual institui três formas categóricas de construção identitárias na sociedade contemporânea: A Identidade Legitimadora *"Introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais"*. A Identidade de Resistência *"Criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construído, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade (...)* e Identidade de Projeto *"Quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constróem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade (...)"*.(1999: p.24)

Nossas pretensões nem de longe visam uma configuração analítica, como proposta por Castells, mas tenta refletir em nível micro conceitual sobre as bases para uma discussão da identidade dentro do fenômeno da sociedade complexa na medida em que há ainda um vácuo teórico social sobre o tema, embora a "Identidade" se apresente como um dos fenômeno mais importantes à sociologia dos dias atuais.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas palavras finais não se referem a conclusões, mas a novas indagações sobre o tema proposto e essas indagações estão situadas no problema do reconhecimento das diferenças e o pressuposto da igualdade como patamar de relacionamento dessas diferenças nas sociedades complexas. Essa discussão se faz necessária pelo fato de situar no campo ético e normativo determinados valores que giram em torno dos fenômenos contemporâneos da complexidade social e das formações identitárias aqui discutidos, que são tratados de forma mais fenomênica que teorizante.

A complexidade, a identidade, a globalização, a descentralização, a fragmentação e a diferenciação são questões enfocadas e refletidas de forma emergencial, e por isso tratadas com bastante propriedade pelos sociólogos em todo o mundo. Com isso têm-se a necessidade de que seja dado um nível de explicação teórico a cada um desses fenômenos e ao mesmo tempo que seja possível integrá-los numa teoria da sociedade contemporânea.

Não foi nossa intenção construir nenhum tipo de teoria, por mais embrionária que essa pudesse ser. Longe disso, nossa questão circulou em torno de mínimas dimensões e questões conceituais presentes diante do vácuo teórico da sociedade contemporânea e com isso de alguma forma contribuir para o debate contemporâneo.

Com isso afirmamos, por fim, que este texto não se conclui mas inicia um processo de indagação sociológico na busca de variáveis e categorias de análise que se refiram ao nosso problema.

## Referências Bibliográficas.

- ANDRADE**, Maria A. Alonso. (1996). **Redefinindo o Conceito de Cultura Política: cultura política e representações sociais**. Caxambú. XX Encontro Nacional da ANPOCS.
- ARAGÃO**, Lucia Maria.(1992). **Razão Comunicativa e Teoria Social Crítica em Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.
- BECK**, U. (1996) "Teoría de la modernización reflexiva". in **Las consecuencias Perversas da Modernidade: contingencia y riesgo**. Et al Barcelona. Anthopos.
- \_\_\_\_\_. (1999) "O que é a globalização? Equívocos do Globalismo: respostas à globalização. São Paulo. Paz e Terra.
- BEILHARZ**, Peter. (1999) "Globalização, bem-estar e cidadania" in **Olveira, F e Paoli, M. C. (Orgs). Os sentidos da Democracia: políticas do disurso e hegemonia global**. Petropolis: Vozes; Brasília: NEDIC.
- BERGER**, Peter L. **LUCKMANN**, T. (1990). **A construção social da realidade**. 8a. ed Petrópolis. Vozes.
- BOURDIEU**, Pierre. (1989). **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil. Lisboa, Difel.
- CASTELLS**, Manuel. (1993) **The City and Grassroot. A crosscultural theory of urban social moviment**. Berkeley:University of California Prees.
- \_\_\_\_\_. (1996). **The Rise of the network society (the information age)**. Oxford, Blackwell.
- \_\_\_\_\_. (1999) **O Poder da Identidade**. vol.II. São Paulo. Paz e terra.
- GIDDENS**, A. (1991) **As Consequências da Modernidade**. São Paulo Unesp.
- \_\_\_\_\_.(1996) **Para Além da Esquerda e da Direita**. São Paulo. Unesp.
- \_\_\_\_\_.(1996) "Modernidad e Autoidentidad". in **Las consecuencias Perversas da Modernidade: contingencia y riesgo**. Et al Barcelona. Anthopos.
- GOUVEIA**, Taciana M. de V.. (1993). **Repensando Alguns Conceitos: sujeito, representação social e identidade coletiva**. Recife.UFPE.Dissertação de Mestrado em Sociologia.
- HABERMAS**, Jürgen. (1997) **Direito e Democracia: entre a facticidade e a validade**. Tomos I e II. Rio de Janeiro. Tempo brasileiro.
- HELLER**, Agnes. **FEHÉR**, F.(1998) **A condição Política Pós-Moderna**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.
- HUNT**, S. **BENFORD**,R. **SNOW**,D. (1994) "Marcos de accion colectiva y campos de identidad en la construcción social de los movimientos" in: **LARANA**, E.

- GUSFIELD, J. Los Nuevos Movimientos Sociales: de la ideologia a la identidad.** Madrid. CIS.
- KAPLAN, E. A (1993). O Mal-Estar no Pós-moderno: teorias, práticas.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar.
- KUMAR, K. (1997) Da Sociedade Pós-Industrial à Sociedade Pós-Moderna.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar.
- MELUCCI, Alberto. (1990). Sistema Politico, partiti e movimenti sociali.** Milão. Feltrinelli Editore.
- \_\_\_\_\_. (1989). **“Um Objetivo Para os Movimentos Sociais”.** Lua Nova, São Paulo: (n.17). Jun/89.
- \_\_\_\_\_. (1994) **“Que hay de nuevo en los nuevos movimientos sociales?** in: **LARANA, E. GUSFIELD, J. Los Nuevos Movimientos Sociales: de la ideologia a la identidad.** Madrid. CIS.
- \_\_\_\_\_. (1996) **Challenging Codes: Collective action in the informtion age.** Cambridge
- \_\_\_\_\_. (1999) **Esfera Pública y Democracia en la Era de la Informacion.** Mexico, Metapolitica.
- PENA, Maura. (1989) “Identidade, Movimentos Sociais”.** Política e Trabalho, João Pessoa. n. 7. .
- SANTOS, Boaventura de Souza. (1987). Um Discurso Sobre as Ciências.** Porto. Afrontamento.
- \_\_\_\_\_. (1995) **A construção Multicultural da Igualdade e da Diferença.** VII Congresso da SBS. Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. (1997). **Introdução a Ciência Pós-Moderna.** São Paulo. Graal.
- SCHERER-WARREM, Ilse. (1999). Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização.** São Paulo. Hucitec.
- SILVA, Sérgio Luís P. (1996). “Senso comum cotidiano e conflito: elementos para um estudo da representações sociais da política nos movimentos populares” in Movimentos Sociais: motivações e representações.** In **FONTES, B. A. (Org.) Movimentos Sociais: produção e reprodução de Sentido.** Recife. UFPE.
- \_\_\_\_\_. (1999) **As representações sociais e o campo simbólico da política: um estudo da política e da identidade na vida cotidiana.** In, *Revista Estudos Sociológicos.* PPGS. UFPE.
- TAYLOR, Charles (1994) Multiculturalisme: différence et démocratie.** França. Flamarion.
- TOURAINÉ, Alain. (1989a). Palavra e Sangue: política e sociedade na America Latina** Campinas. Ed. Unicamp / São Paulo. Trajetória Cultural.
- \_\_\_\_\_. (1989b). **“Os Novos Conflitos Sociais”.** Lua Nova, São Paulo: (n.17). Jun/89.
- \_\_\_\_\_. (1995). **Crítica da Modernidade.** 2.ed. Petropolis. Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1996). **O Que é Democracia.** Petropolis. Vozes.